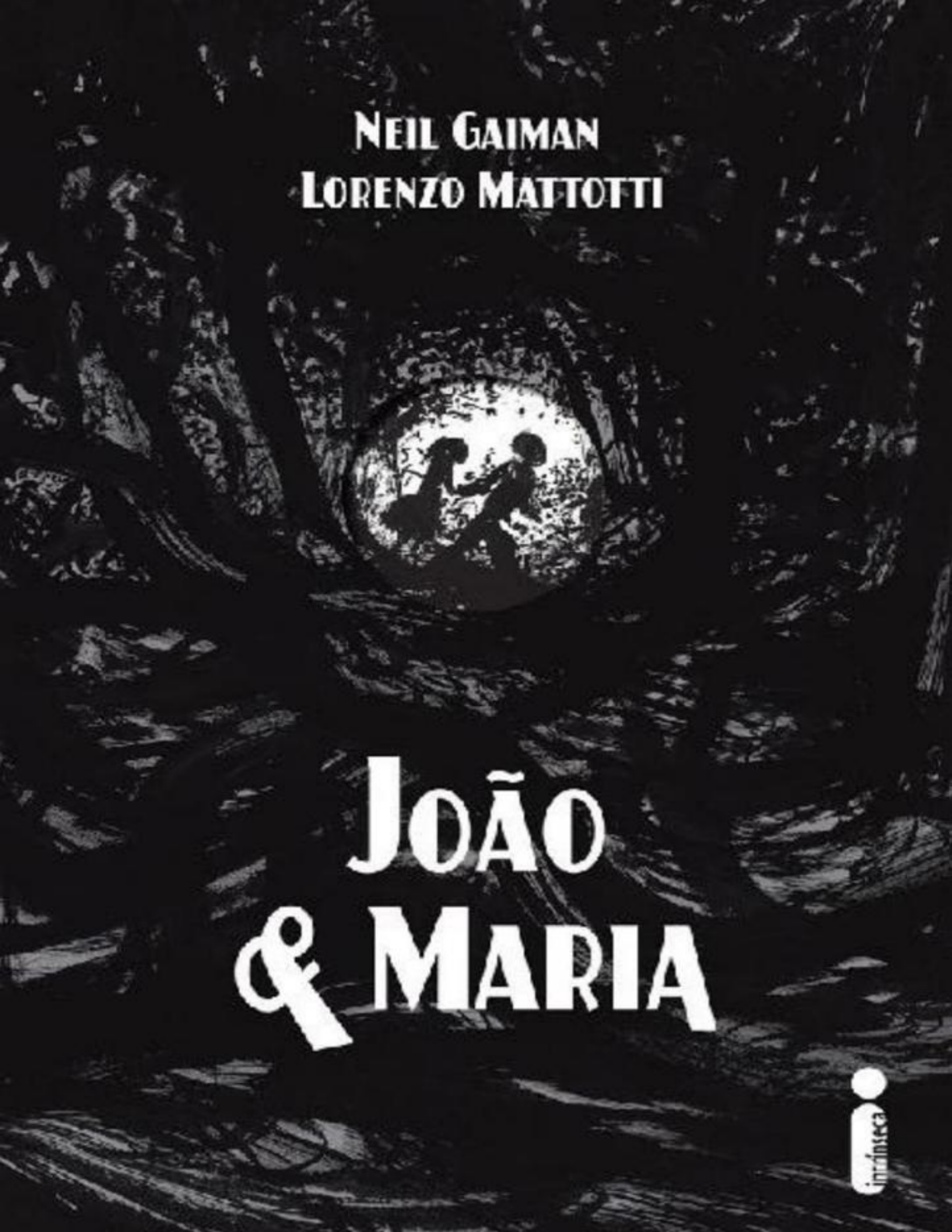
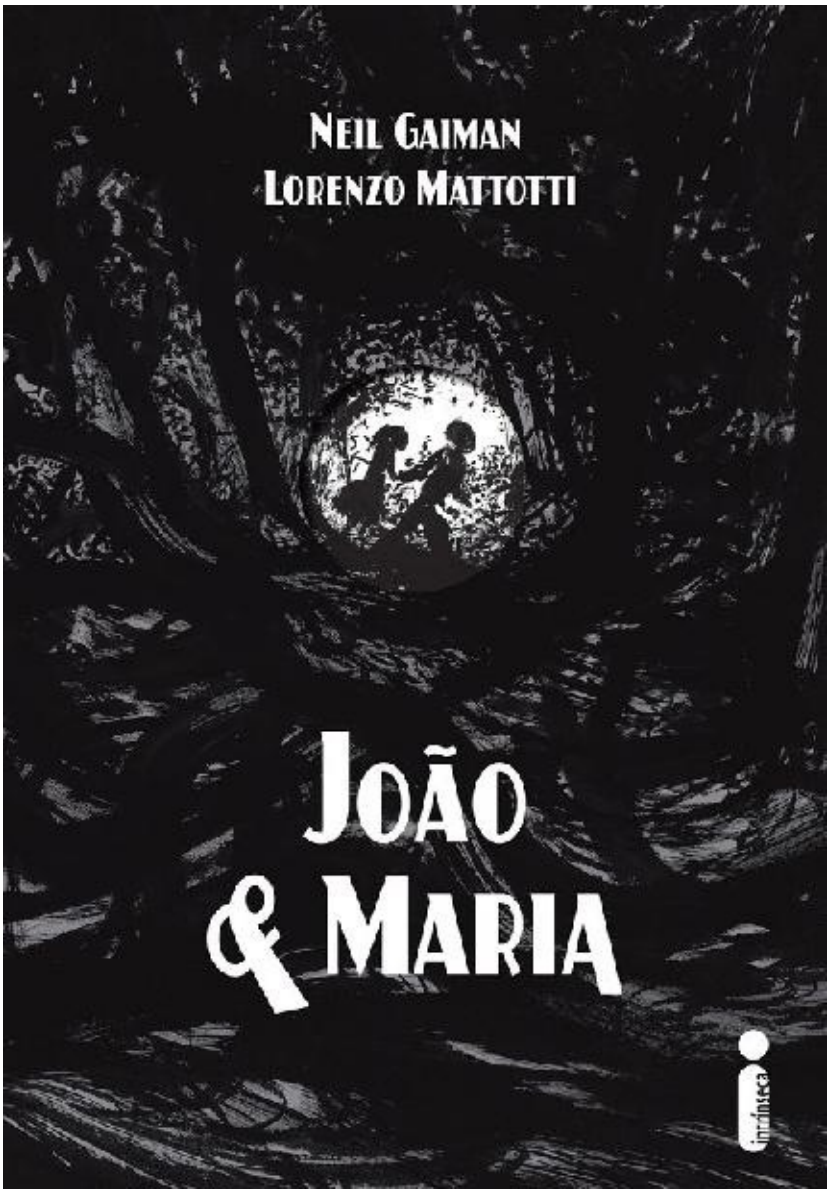
NEIL GAIMAN
LORENZO MATTOTTI



JOÃO & MARIA

intrínseca



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o

simples teste da qualidade da obra, com o fim

exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente

repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso

comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade

intelectual de forma totalmente gratuita, por

acreditar que o conhecimento e a educação



devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer

pessoa. Você pode encontrar mais obras em

nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do

conhecimento, e não mais lutando por dinheiro

e poder, então nossa sociedade poderá enfim

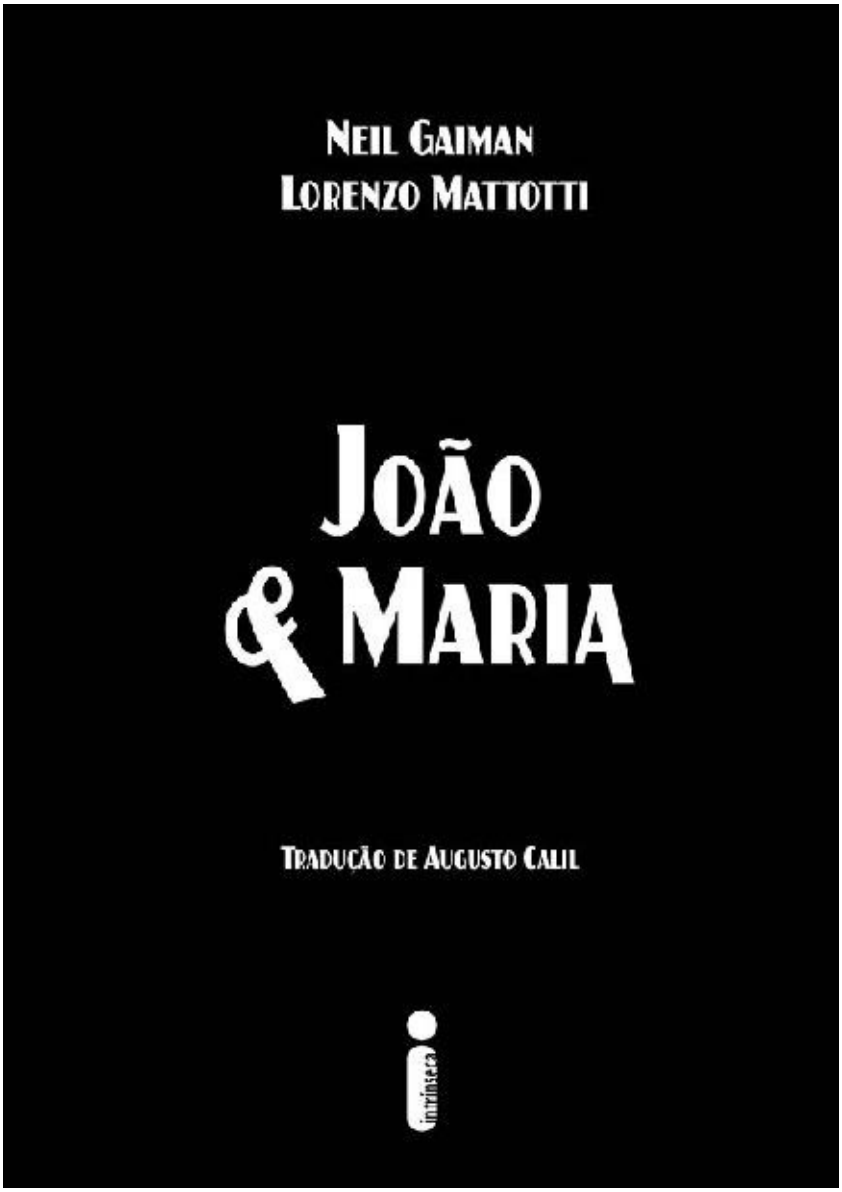
evoluir a um novo nível."

Como ler este e-book

Trave a rotação do seu dispositivo para uma melhor experiência de leitura.

Algumas imagens foram intencionalmente dispostas na vertical para melhor visualização.





Copyright © 2014 by Neil Gaiman, Lorenzo Mattotti & RAW Junior.

As ilustrações de Lorenzo Mattotti, feitas com tinta indiana, foram originalmente criadas para comemorar a produção *Hansel & Gretel* do Metropolitan Opera, posteriormente publicadas pela Gallimard Jeunesse.

As flores das margens das páginas foram criadas por Annalise Olson.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, difundida ou armazenada sob qualquer forma ou por qualquer meio gráfico, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia ou gravação, sem prévia permissão

por escrito da editora.

TÍTULO ORIGINAL

Hansel & Gretel

PROJETO ORIGINAL

Françoise Mouly & Jonathan Bennett

PREPARAÇÃO

Rayssa Galvão

ADAPTAÇÃO DE CAPA

ô de casa

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

REVISÃO DE EPUB

Marcela de Oliveira

E-ISBN

978-85-8057-777-8

Edição digital: 2015

1a edição

TIPOGRAFIA

Garamond 3

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3o andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br









»

»

»

»



Isso tudo aconteceu há muito tempo, na época da sua avó, ou no tempo do avô dela. Muito tempo atrás. Naquela época, todos viviam nas margens de uma grande floresta.

Havia um lenhador. Ele cortava árvores. Derrubava os galhos das árvores e

cortava o tronco e os galhos para transformá-los em lenha, que levava até a cidade em um carrinho de mão, fazendo o caminho mais curto. Cortar árvores era um trabalho que mal dava para encher a barriga.

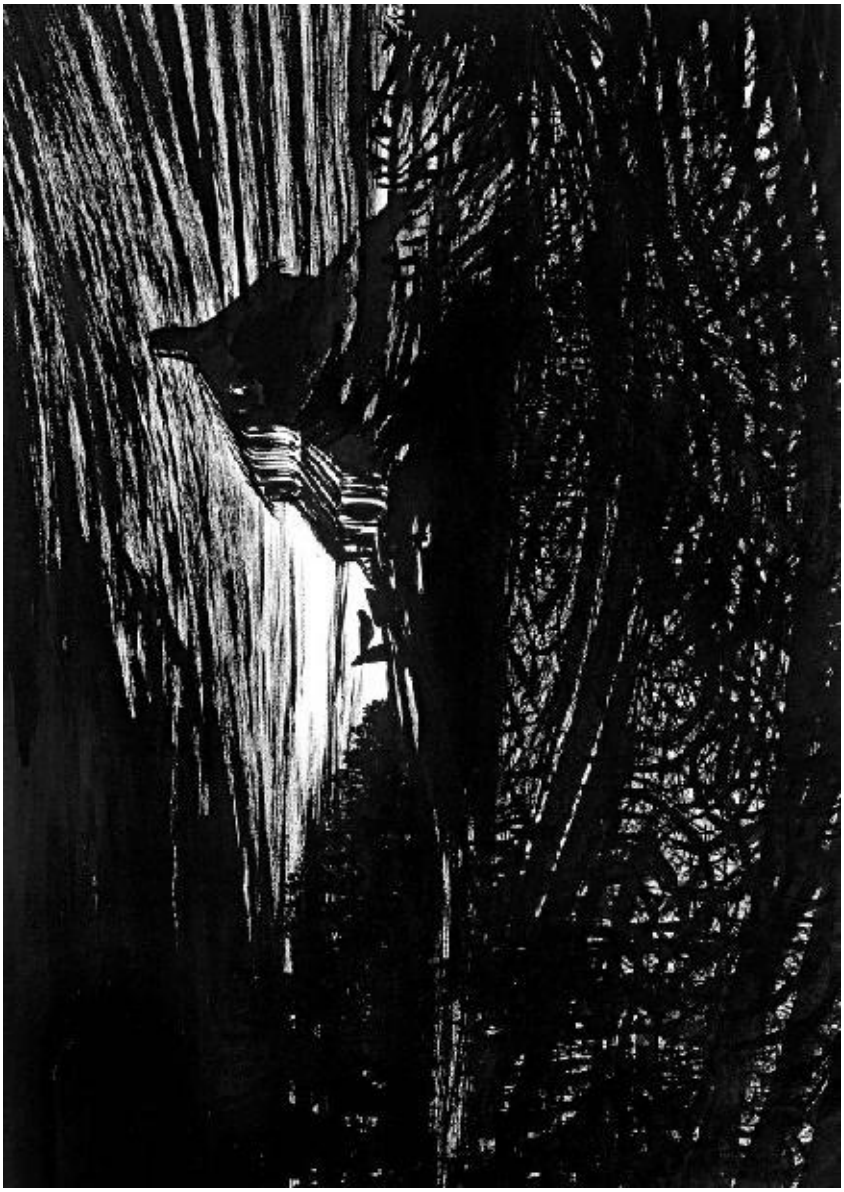
O lenhador se casou com uma mulher bem jovem, que o ajudava da melhor forma que podia. A mulher cozinhava para ele e lhe proporcionava todos os confortos, por isso os dois não ficaram surpresos ao verem que, pouco depois do casamento, a barriga dela começou a inchar. No inverno, quando a neve estava alta, a mulher deu à luz uma menina. A criança foi chamada de Ana Maria, mas depois inverteram seu nome, que virou Mariana, e no fim ficou só Maria. Dois anos mais tarde, a esposa do lenhador deu à luz um menino, que foi chamado de João, e, como já tinham esgotado a criatividade, ficou sendo João mesmo.

João e Maria não iam à escola, pois as escolas ficavam muito longe da floresta onde viviam, e ir à escola custava dinheiro, algo que o lenhador não tinha em quantidade suficiente, já que não dá para ganhar muito dinheiro cortando árvores e transportando lenha. Mesmo assim, o pai ensinou os dois a viver na floresta, e a mãe os ensinou a cozinhar, limpar e costurar. E João e Maria não se importavam se a mãe às vezes parecia amarga e tinha a língua afiada e se o pai às vezes ficava cabisbaixo e ansioso por deixar a casinha onde moravam. Bastava que pudessem brincar na floresta, subir em árvores e nadar em rios; bastava que houvesse pão fresco, ovos e repolho cozido na mesa.

Quando vendia bastante lenha, o pai ia à vendinha e comprava carne para a família: uma ovelha de rabo largo ou um bode, que voltava trotando atrás do



carrinho de mão. Às vezes o pai até comprava um pedaço de carne bovina crua, que vinha pingando sangue e era escura de tantas moscas ou amarela de tantas vespas. Nessas noites, a família fazia um banquete. Havia coelhos na floresta, patos no lago e galinhas ciscando no terreiro atrás da casinha. Nunca faltava comida.



Mas isso foi nos bons tempos, antes da guerra, antes da fome.

Quando a guerra veio, os soldados vieram com ela — homens esfomeados, furiosos, entediados e assustados que, ao passarem, roubavam os repolhos, as galinhas e os patos. A família do lenhador nunca soube muito bem quem estava

brigando com quem, e muito menos o motivo da briga. Mas, além da floresta, as colheitas foram queimadas, os campos de cevada se transformaram em campos de batalha, e os fazendeiros foram mortos ou viraram soldados, que iam embora marchando. E logo o dono do moinho ficou sem grãos para transformar em farinha, o açougueiro ficou sem animais para abater e pendurar na janela, e todos passaram a dizer que pagariam qualquer coisa por um coelho gordo.

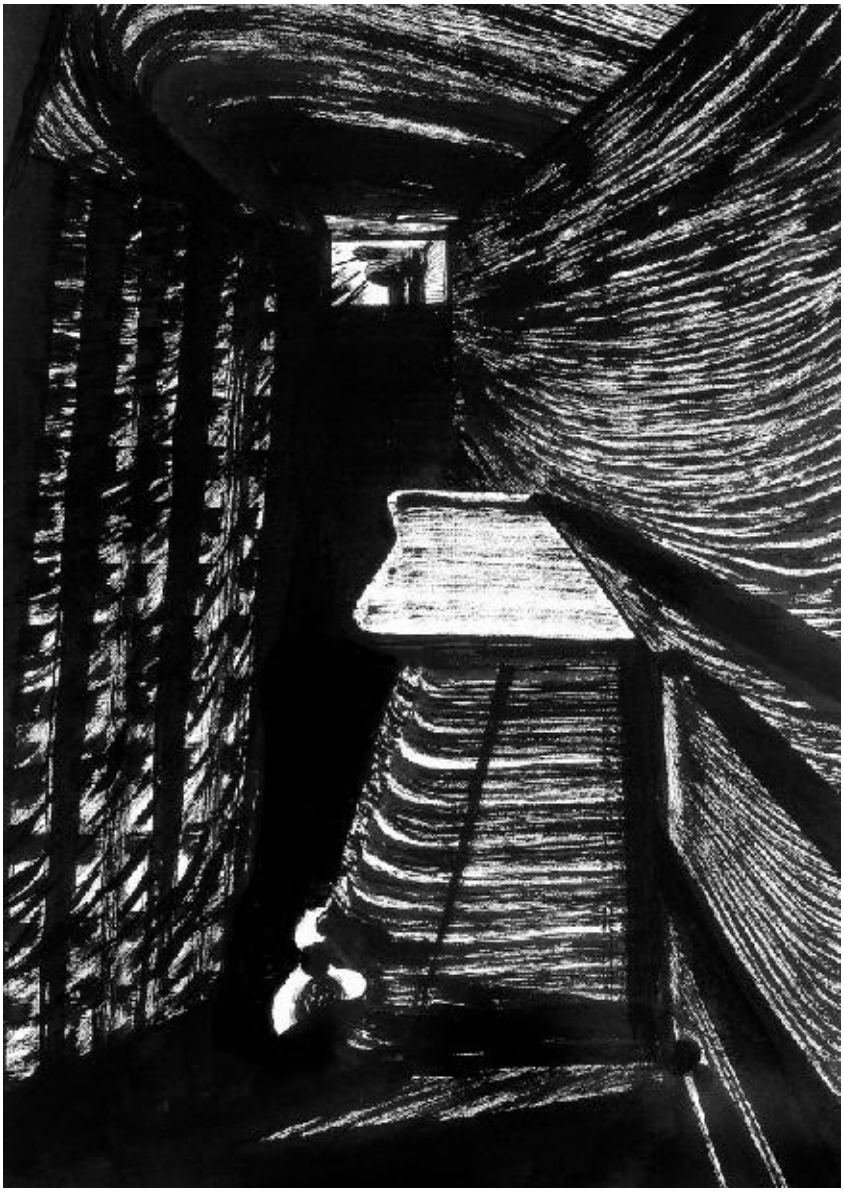
Logo, os legumes e raízes apodreceram nos campos. Foram-se embora todos os nabos, cenouras e batatas, pois o número de pessoas trabalhando na colheita diminuía cada vez mais. Além disso, a chuva não parava de cair. Chovia a tal ponto que, naqueles campos, as únicas coisas que conseguiam se alimentar direito eram as lesmas.

A cabana do lenhador ficava longe das batalhas, mas o lenhador, a mulher, João e Maria sentiram o efeito da guerra. Eles tomavam sopa de repolho velho com pão amanhecido, agora duro feito pedra, e a família ia dormir com fome e acordava com mais fome ainda.

As crianças dormiam em montes de feno. Os pais, em uma cama antiga que pertencera à avó do lenhador. João acordou no meio da noite com uma dor aguda e vazia na barriga, mas não disse nada, porque sabia que tinha pouca coisa para comer. Ele manteve os olhos fechados e tentou voltar a dormir. Quando dormia, não sentia fome.

Ele ouviu os pais conversando no escuro.





— Somos quatro — disse a mãe. — Quatro bocas para alimentar. Se continuarmos assim, vamos todos morrer. Sem as bocas a mais, eu e você teremos uma chance.

— Não podemos fazer isso — respondeu o lenhador, aos sussurros. — É

monstruoso matar as crianças, jamais concordarei com isso.

— Não vamos *matá-los*, vamos *perdê-los* — retrucou a esposa do lenhador. — Ninguém falou em matar. Vamos levá-los até as profundezas da floresta e perdê-los por lá. Eles vão ficar bem. Talvez uma pessoa boa os acolha e os alimente. E sempre existe a possibilidade de ter mais filhos — acrescentou, pragmática.

— As crianças podem ser devoradas por um urso — disse o lenhador, desanimado.

— Não podemos fazer isso.

— Se você não comer — respondeu a mulher —, não vai conseguir brandir o machado. E, se não conseguir cortar uma árvore ou levar lenha para a cidade, todos morreremos de fome. É melhor morrerem dois do que quatro. É só uma questão de matemática, uma questão de lógica.

— Não quero saber da sua lógica nem da sua matemática — resmungou o lenhador. — Mas não posso mais discutir.

E João ouviu apenas o silêncio vindo da cama dos pais.

Maria acordou João na manhã seguinte.

— Hoje vai ser um bom dia — disse ela. — Papai vai nos levar à floresta para nos ensinar a cortar lenha.

O pai não tinha o hábito de levá-los quando ia para as profundezas da floresta.

Ele dizia que era perigoso demais para crianças.

João foi até o pequeno córrego de águas rápidas e barulhentas atrás da cabana e encheu os bolsos com as pequenas pedrinhas brancas que cobriam o leito do riacho.

— Por que está fazendo isso? — indagou Maria.

João ergueu os olhos e viu os pais perto da porta, por isso não respondeu à irmã.

O pai levou os dois até a floresta. A cada curva, João deixava cair discretamente uma pedrinha branca, para marcar as mudanças de direção.

O pai mandou os dois esperarem em um bosque de bétulas, cujos troncos brancos pareciam feitos de papel em meio à escuridão da floresta. Ele fez uma pequena fogueira para mantê-los aquecidos.

Para que não ficassem com fome, o pai deu seu almoço a eles: pão preto velho e queijo duro.

Então disse que logo voltaria para buscá-los.

Os dois esperaram.

— Ele nunca mais vai voltar — comentou João.

— Ele é nosso pai — retrucou Maria. — Não diga essas coisas a respeito dele.

O dia minguou e veio o crepúsculo, as sombras se esgueirando, saindo de debaixo de cada árvore, formando poças cada vez maiores, até cobrir o mundo inteiro em uma única e imensa sombra.

— Ele não vai voltar para nos buscar — disse João.

— Temos que esperar — respondeu Maria. — Talvez ele esteja atrasado.

Ela reuniu uma pilha de folhas, e os irmãos se aconchegaram tão bem quanto puderam ao lado das chamas da fogueira.

Os dois acordaram de madrugada, quando restavam apenas brasas da fogueira. A lua estava cheia e, sob o luar, João não teve dificuldade para refazer o caminho



de volta para casa: dava para ver muito bem as pedrinhas brancas, mesmo em meio à escuridão. João e Maria caminharam de mãos dadas.

Era quase aurora quando voltaram à cabana. O rosto do pai estava escarlate, e os olhos, vermelhos e úmidos, como se ele tivesse chorado e bebido muito. Ao vê-

los, o lenhador deu um salto, surpreso.



— É o João! — exclamou. — E a Maria! Pensamos que vocês dois tivessem se perdido na floresta. Mas veja, mulher! Olhe só para eles! Nossos filhos estão aqui!

A mãe estava pálida e com os lábios apertados, e olhou para eles sem dizer uma palavra.

O lenhador abraçou os filhos bem forte, rindo e chorando. Depois riu e chorou ainda mais e, para mostrar o quanto estava contente por eles estarem de volta, deu a cada criança uma cereja inchada e encharcada de xarope, tirada de um vidro que um dia estivera cheio delas, mas que agora estava quase vazio.

A mãe olhou com fome para as últimas quatro cerejas no vidro.

As crianças demoraram o máximo que conseguiram para comer as cerejas que ganharam, prolongando o sabor na boca até finalmente as engolirem.

João e Maria ficaram na casa por mais uma semana, então mais outra, e nada foi dito a respeito da ocasião em que se perderam na floresta e encontraram o caminho de volta. João ficava deitado à noite, acordado, de ouvidos atentos à escuridão, mas captava apenas roncos e o remexer dos lençóis.

Então, certa manhã, o pai anunciou que levaria os dois para trabalhar com ele.

João não estava preparado: não havia tempo de ir ao córrego, nem de encher os bolsos com pedrinhas brancas. A mãe acordara cedo para assar pão com o pouco de farinha que restava, e, enquanto se preparavam para caminhar floresta adentro, ela se aproximou dos filhos trazendo no avental dois pãezinhos brancos macios e quentes, saídos do forno.



As crianças seguiram o pai até as profundezas da floresta, passando por árvores de galhos entrelaçados que pareciam mãos cruzadas, com dedos que se cutucavam e se arranhavam.

João não tinha pedrinhas, mas fez pequenas bolinhas de pão entre os dedos e as

deixou cair a cada interseção e cada vez que mudavam de direção, para indicar o caminho.

Chegaram a um rio, e o pai mostrou a eles como atravessá-lo, cruzando por onde o rio era mais raso e as pedras despontavam da água. Os três tiraram os sapatos e os carregaram até chegarem à margem oposta, onde as árvores eram grossas e antigas, retorcidas em formas que pareciam gigantes furiosos, congelados no tempo.

Foram tão fundo na velha floresta que a luz do sol ficou tingida de verde pelas folhas. Abriram caminho em meio aos arbustos, e os espinhos se enroscaram nas roupas deles como se dissessem: “Fiquem aqui! Fiquem aqui!”

Mas eles mergulharam ainda mais fundo na floresta.

Finalmente, o pai disse:

— Esperem por mim aqui. Já volto para buscar vocês. — Então deu as costas para os dois e saiu andando. João e Maria o ouviram afastando as moitas espessas, depois não ouviram mais nada.

— Ele não vai voltar para nos buscar — disse Maria.

— Não vai mesmo — concordou João.



Os dois estavam com muita fome. Maria partiu seu pedaço de pão em dois, entregando metade ao irmão. A luz do dia começou a enfraquecer. Eles conversaram sobre o que poderiam fazer e aonde poderiam ir, mas o único lugar que conheciam era a própria casa.

Os dois pararam no primeiro lugar onde João se lembrava de ter deixado uma bolinha de pão. O menino olhou para o chão, tentando descobrir por onde deveriam seguir, mas a bolinha de pão tinha sumido.



— Acho que viemos por ali — sugeriu Maria.

Mas ela não tinha certeza. Eles foram naquela direção.

— Deixei outra bolinha de pão no pé dessa colina — comentou João.

Mas não havia nada no pé da colina, só um pombo ciscando as migalhas restantes. O pássaro voou assim que viu as crianças.

— As criaturas da floresta também estão com fome — disse Maria.

João não respondeu. Sabia que não conseguiria encontrar o caminho de volta sem as pistas que deixara. As árvores, colinas, raízes retorcidas e córregos eram muito parecidos.

Eles caminharam até ficar escuro demais para ver e dormiram sob um imenso carvalho, em uma cama improvisada feita de folhas caídas. Ficaram tristes, com frio e com medo de ursos, lobos e outras coisas da floresta que poderiam comer crianças.

A manhã chegou.

— Estou com frio e com fome — reclamou João.

Maria abraçou o irmão com força.

— Temos que ir para casa — disse ela. — Nossos pais devem estar preocupados.

João não respondeu. Tinha sentido um cheiro no ar da manhã. Um cheiro doce e quente, de algo nutritivo e saboroso como…

— Pão de mel! — gritou para a irmã. — Estou sentindo cheiro de pão de mel!



— Que mentira!

— Use o nariz! — retrucou João.



Maria inspirou. Pão de mel fresco: agora até ela sentia o cheiro. Sua boca começou a salivar, e a barriga começou a doer, como se tivesse acabado de lembrar que existia.

Eles foram na direção do cheiro: pão de mel, gengibre e especiarias, uma doçura

gloriosa que os envolveu. As crianças começaram a correr em busca da fonte do cheiro, impelidos pela fome, se enfiando em lugares onde nunca tinham ido até chegarem a uma clareira e avistarem uma casa bem pequena, ainda menor do que a deles.

— Alguém deve estar assando um bolo naquela casa — comentou Maria.

Mas ela estava enganada. O cheiro vinha da própria casa. Era feita de pão de mel fresco e decorada com jujubas verdes e vermelhas. As janelas eram feitas de caramelo. João estendeu a mão e quebrou um pedaço do parapeito de uma janela.

Maria hesitou, mas, ao ver o irmão comendo e sorrindo, tirou uma lasca da parede. Os dois comeram juntos, deixando o sabor forte do pão de mel preencher suas bocas, cabeças e estômagos.

Uma voz veio de dentro, doce e divertida:

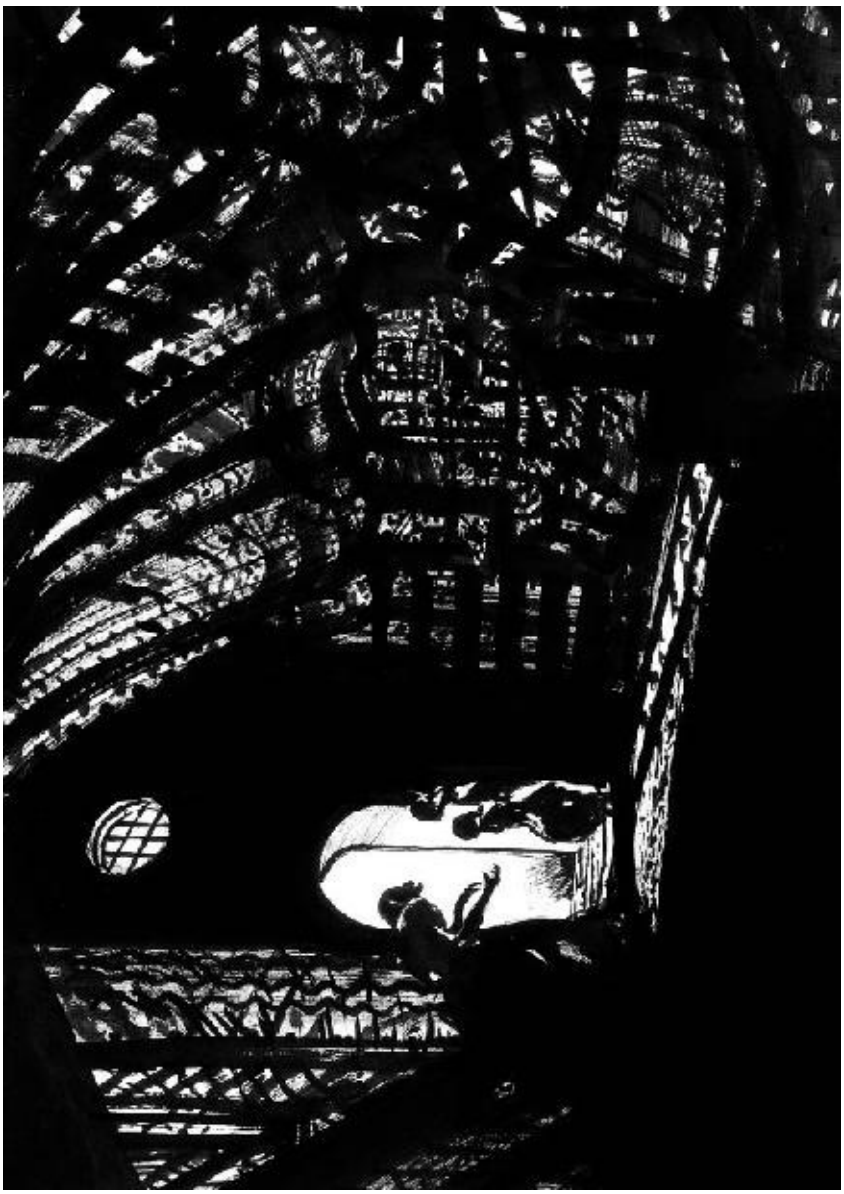
— Quem está mordiscando minha cabana? Será que é uma ratazana?

João e Maria não responderam, pois estavam com medo e com a boca cheia. Os dois ficaram aliviados quando viram que a pessoa que saiu da casinha não era um ogro nem um monstro, e sim uma velhinha amável, apoiada em uma bengala, que analisava os arredores apertando os olhos para enxergar melhor.

— Ora, são crianças! — exclamou. — Devem estar com muita fome para comerem minha casa desse jeito. Entrem, crianças, entrem, deixem que eu as alimente!

Havia apenas um cômodo na casinha. Um imenso forno de tijolos ficava em um dos cantos, e havia uma mesa cheia de delícias de todo tipo: compotas de frutas, bolos, tortas, bolachas, pães e biscoitos. Mas não havia carne, e a velha senhora pediu desculpas, explicando que estava muito velha, e seus olhos já não eram mais os mesmos de quando era jovem, então não conseguia mais apanhar os

animais da floresta como antes. Agora, armava uma isca para a presa e esperava, e era comum a armadilha passar o ano inteiro vazia. Os poucos animais que apanhava eram magros demais e primeiro tinham que ser engordados.



— Ainda assim, crianças — disse ela —, vocês me dão esperança. Acho que sua

vinda é sinal de boa sorte. Talvez tenhamos carne de novo.

As crianças contaram sobre a mãe e o pai e que tinham sido abandonadas na floresta, e a velha senhora estalou a língua e balançou a cabeça.

— Onde esse mundo vai parar? — indagou, triste.

Ela levou as crianças até duas caminhas com lençóis muito brancos e bem passados e travesseiros muito macios.

Os dois dormiram profundamente, um sono tão pesado como se alguém tivesse colocado sonífero na comida. E alguém tinha feito mesmo isso.

A velha senhora era mais forte do que parecia. Tinha uma força magra e ossuda.

Ela pegou João no colo e, sem acordá-lo, carregou o menino até o estábulo vazio nos fundos da casinha, onde havia uma grande jaula de metal com barras enferrujadas. O chão era coberto de feno, além de alguns ossos já antigos e bem mastigados. A velha jogou o menino ali. Depois, trancou a jaula, tateando pela parede para encontrar o caminho de volta para a casa.

— Carne — comentou, feliz.

Maria acordou no chão da choupana, em um canto escuro. As pequenas camas tinham sido removidas, assim como a comida que sobrara. A menina estava amarrada à perna da mesa por uma longa corrente.

Não havia nada de doce a respeito da velha senhora, ao menos não mais. Ela obrigou Maria a trabalhar na casa, fazendo a limpeza, e, se a menina não obedecesse depressa, a velha batia nela e a chamava de várias coisas horríveis.



Todos os dias a mulher ia até o estábulo com passos curtos, aproximando-se das barras da jaula e pedindo a João que estendesse o dedo. E ela apertava o dedo do menino para saber se ele já estava gordo o bastante.

A velha o alimentava com bolos, batatas e compotas de frutas. Trazia pudins de todo tipo, além de cremes, mingaus, massas e pães. Ficava ao lado da jaula enquanto ele comia, de ouvidos atentos para se certificar de que ele botaria para dentro até a última migalha e rasparia cada prato. Se João ousasse reclamar que estava satisfeito e que era incapaz de engolir outro bocado, ela o cutucava com a bengala.

Amarrada dentro da casa, Maria não podia ver o irmão. Só podia torcer para que ele estivesse bem. Às vezes, quando voltava de uma de suas visitas a João, a velha ficava animada e dizia a Maria que cuidaria dela e a protegeria até a menina crescer e se tornar uma mulher. Dizia que a ensinaria todos os seus segredos, inclusive a chamar os pássaros nas árvores, a aprisionar viajantes e a garantir que todos que chegassem à choupana nunca mais fossem embora. Mas, uma hora mais tarde, a velha voltava a brigar com Maria, dizendo que a menina não servia para nada.

A cada dia que passava, a velha voltava das visitas a João mais mal-humorada.

João estava engordando, mas a velha era cega demais para perceber. Todos os dias, quando ela pedia para ver o dedo do menino, ele estendia um osso que encontrara no feno. A velha apalpava o osso e, pensando que era o dedo de João, deixava para cozinhá-lo outro dia. Mas sua paciência tinha limites.

Certa manhã, um pouco mais de um mês após a captura das crianças, a velha voltou da visita ao estábulo e mandou Maria acender o fogo no forno a lenha.



— Hoje, quando o forno estiver quente o bastante, vamos assar seu irmão —

explicou a velha. — Mas não fique triste, pequenina. Eu lhe darei os ossos dele para mastigar.

Maria sentiu um arrepio. Nunca falava com a velha, só lhe dirigia uma palavra ou outra, quando necessário. A velha senhora tinha começado a suspeitar que a menina não era lá muito inteligente.

Maria obedeceu à ordem que recebera. Acendeu a lenha no forno e ficou olhando enquanto os galhos pegavam fogo e ardiam. Depois, fechou a porta do forno. Lá dentro, a lenha queimava. Em breve a madeira se transformaria em uma pilha de brasas incandescentes.

— Vá ver se já está quente o bastante para assar seu irmão — mandou a velha. —

Entre no forno e me diga o que acha.

— Não sei fazer isso — respondeu Maria, ainda parada, sem se mexer nem para abrir a porta do forno.

— É fácil. É só abrir a porta do forno, colocar parte do corpo lá dentro e sentir se o calor é suficiente para assar carne.

— Não sei fazer isso — repetiu Maria.

— Você é mesmo uma porquinha imbecil! — exclamou a velha. — Menina idiota!

Vou lhe mostrar como se faz. — A velha mancou até o forno, apoiada na bengala.

— Olhe e aprenda.

A velha senhora abriu a porta do forno.



Maria tinha aprendido mais do que a velha suspeitava. Ela avançou de repente e empurrou a velha para a frente com força, jogando-a por inteiro no forno.

Depois, fechou a porta. E a manteve fechada, de ouvidos atentos, até que os gritos parassem de ecoar lá dentro.

Maria encarou a porta do forno, temendo que a velha pudesse ter sobrevivido, que abrisse a porta e a mulher viesse atrás dela, mas nada aconteceu.



Ela encontrou o molho de chaves escondido sob o travesseiro da velha. Então, abriu o cadeado da corrente em sua perna e foi até o estábulo.

— A velha está morta — disse ao irmão, enquanto o libertava. — Eu a matei.

Maria ajudou João a sair da jaula, de volta à luz do dia, maravilhada ao ver como o irmão se transformara em um jovem roliço, e curiosa diante da insistência dele em ficar com o osso. João segurava firme o osso, como se sua vida dependesse disso.

Os dois irmãos se abraçaram com força sob a luz do sol.

A cozinha estava com cheiro de carne queimada. Só que, quando o forno esfriou e eles abriram a porta, não encontraram corpo nenhum, só um monte de cascas escuras e carbonizadas e uma pequena chave de ferro.

A chave servia para abrir um baú que ficava debaixo da cama da velha. Nele, as crianças encontraram todo tipo de coisas: luvas e chapéus de viajantes, moedas de ouro e prata, um colar de pérolas, correntes de ouro e prata, anéis incrustados de diamantes e de rubis. Eram os tesouros das pessoas que tinham visitado a choupana da velha ao longo dos anos e que nunca puderam partir. Também havia roupas caras de seda e cetim, com bordados dourados, laços e rendas.

Roupas masculinas e belos vestidos.

As crianças decidiram vestir as roupas do baú, já que o que estavam usando mais pareciam trapos. Encheram um saco com moedas, joias e pedras preciosas e foram embora sem olhar para trás.

Rumaram para o sul até encontrarem um rio. Cruzaram o rio no ponto mais raso e logo reconheceram os lugares familiares onde haviam brincado e as árvores em que tinham subido.



Caminharam por uma trilha que conheciam desde que se entendiam por gente e

acabaram diante da pequena casa em que tinham nascido.

Eles gritaram, sem se atrever a chegar muito perto.





O lenhador correu até os dois. O homem largou o machado e deu nos filhos um abraço bem apertado. Disse que não tivera um único momento de felicidade desde que os dois haviam sumido, que não conseguia dormir direito à noite. Fora procurá-los na floresta todos os dias, mas nunca os encontrara.

— E a nossa mãe? — perguntou João. — Onde ela está? Trouxemos pedras preciosas e tesouros de todo tipo, e agora ela vai poder comer o que quiser e viver onde quiser, sem ter medo de todos morrermos de fome.

Olenhador não respondeu, apenas mostrou o túmulo no jardim. Ele o cavara com as próprias mãos. A mãe deles morrera pouco depois de as crianças desaparecerem, e ninguém sabe se foi porque algo a devorou por dentro, se foi de fome ou de raiva, ou por ter perdido os filhos.

João, Maria e o pai lenhador viveram felizes na casinha por muitos anos. Os tesouros trazidos da cabana da velha garantiram o conforto da família, e nunca mais houve pratos vazios em suas vidas.

Nos anos que se seguiram, João e Maria encontraram parceiros e se casaram, e foram casamentos maravilhosos. Os convidados das festas comeram tantas coisas deliciosas que seus cintos rasgaram e a gordura da carne escorreu por seus queixos. Tudo isso enquanto a lua pálida os observava com doçura.

FIM

— Neil Gaiman, 2014





Um conto de fadas e suas transformações

Arthur Rackham, “Hansel and Gretel,” 1909, *The Fairy Tales of the Brothers Grimm*

Quando, em 1806, Napoleão invadiu o pequeno reino alemão onde viviam,

os irmãos Wilhelm e Jacob Grimm começaram a reunir fábulas locais como

forma de desafiar a dominação cultural dos franceses. Eles transcreviam as histórias que ouviam de conhecidos e vizinhos, entre os quais uma garota de doze anos, Henriette Dorothea Wild, conhecida como Dortchen. Foi ela

quem contou aos irmãos Grimm a história de Hansel e Gretel, que no Brasil conhecemos como João e Maria.

O pai de Dortchen era cruel. Ele proibia as seis filhas de visitarem os irmãos Grimm porque não as queria na companhia de gente tão pobre, então Dortchen tinha que se encontrar com Wilhelm em segredo. Depois que cresceu, Dortchen foi obrigada a ficar em casa para cuidar dos pais, já

com idade avançada, mesmo depois de todas as irmãs terem se casado.

Foi só após a morte do pai que Dortchen, então com trinta e dois anos, se tornou a sra. Grimm. Ela e Wilhelm se casaram em 1825.

A história de João e Maria foi publicada pela primeira vez em 1812, na primeira coleção de contos de fadas alemães dos Grimm, *Histórias das crianças e do lar.* Historiadores acreditam que a origem desse conto pode estar no período medieval, quando a Grande Fome de 1315 levou pessoas

comuns a abandonarem os filhos e a se alimentarem de carne humana. Na

versão original de Dortchen, o pai e a mãe concordam em abandonar as

duas crianças. Nas revisões posteriores dos Grimm, a mãe é a responsável pelo plano e parece se importar pouco com o destino dos filhos. Já na sétima edição, publicada em 1857, a mãe se transformou em madrasta, enquanto o pai era retratado sob uma luz mais benévola e gentil, relutando em abandonar os filhos, mas incapaz de se impor à esposa maldosa.

Outros acréscimos posteriores incluem um pato amigável, que ajuda os irmãos a cruzarem o rio após a fuga.

Como ocorre com muitas fábulas, esta é uma história rica em simbolismos.

O osso que o menino usa para enganar a velha, por exemplo, representa a

força, pois os ossos são algumas das partes mais permanentes do corpo.

Dessa forma, os leitores mais atentos conseguem entender que é bem provável que João sobreviva ao cativeiro. O destino da velha também ilustra a dimensão

de sua maldade: a morte na fogueira era a maneira mais comum de executar bruxas, enquanto a superstição sustentava que o ferro, como o da porta do forno, tinha o poder de proteger contra espíritos malignos.

Várias fábulas de todo o mundo ecoam os temas de *João e Maria*. Por mais assustador que seja, o canibalismo não é exclusividade desse conto.

Na versão original de *Branca de Neve*, a rainha má tem a intenção de devorar os pulmões e o fígado da heroína depois que ela for assassinada

pelo caçador; e na primeira versão de *Bela Adormecida* outra rainha má tenta servir o príncipe e a princesa em um guisado para o rei.

Cem anos antes dos irmãos Grimm, Charles Perrault, autor francês e colecionador de fábulas, registrou o *Le Petit Poucet*, que no Brasil é conhecido como *O Pequeno Polegar*. O menor e mais inteligente de sete

irmãos, o Pequeno Polegar também tem pais lenhadores que expulsam as crianças de casa por causa da fome. Como João, o jovem usa trilhas feitas de pedrinhas e depois de migalhas de pão para encontrar o caminho de

volta. Os irmãos acabam encontrando a casa de um ogro, que ameaça matá-los e comê-los, mas o Pequeno Polegar ilude a criatura, fazendo o monstrengo cortar a garganta das próprias filhas por engano (ao trocar as toucas das meninas pelas de seus irmãos). No fim da história, o Pequeno

Polegar acaba ficando com o dinheiro do ogro.

Em *Nennil o e Nennel a*, fábula do folclore italiano, uma madrasta cruel exige que irmão e irmã sejam colocados para fora de casa. O pai deixa uma trilha de grãos de aveia para os dois, torcendo para que consigam encontrar o caminho de volta, mas um jumento come o cereal. As crianças

acabam se separando: Nennil o é descoberto e criado por um príncipe, enquanto Nennel a é adotada por um pirata, perde-se em um naufrágio e é

engolida por um peixe gigante. Anos mais tarde, Nennel a reencontra o irmão e o pai, e o príncipe castiga a madrasta por sua crueldade.

Nesta versão de *João e Maria*, Neil Gaiman não descreve a velha senhora como

bruxa, mas o precedente da fábula leva os leitores a suspeitarem disso. Bruxas malvadas que aparecem na forma de velhas senhoras estão

por toda a literatura folclórica. Na Rússia, há Baba Yaga, uma velha canibal que recebe em sua casa um menino e uma menina enviados pela

madrasta para serem seus servos. A bruxa promete que não vai comê-los

com a condição de que eles realizem tarefas impossíveis, como usar uma

peneira para encher uma banheira de água. As crianças são muito educadas e bondosas com os animais da casa e, em troca, os bichos ajudam os meninos a completar as tarefas e escapar.

Em 1893, Engelbert Humperdinck adaptou *João e Maria* para uma ópera infantil. A peça foi um sucesso instantâneo e é encenada com frequência

pelo mundo todo (quase sempre na época do Natal). Diferentemente da versão dos Grimm, o abandono dos filhos por parte dos pais ficou de fora, resultando em uma história mais leve.

Em 1819, os irmãos Grimm publicaram uma pequena edição de *Histórias*

das crianças e do lar voltada para crianças, com ilustrações de seu outro irmão, Ludwig. Em 2007, Lorenzo Mattotti continuou essa tradição ao criar

os desenhos deste livro para uma exposição com cocuradoria de

Françoise Mouly, da TOON Books, a fim de celebrar a encenação de *Hansel & Gretel* exibida pelo Metropolitan Opera. A arte de Mattotti foi a inspiração para o assombroso conto de Neil Gaiman.

UMA BREVE BIBLIOGRAFIA:

Contos completos dos irmãos Grimm; Jacob & Wilhelm Grimm. 1812.

As fábulas clássicas, redigidas pelos irmãos Grimm.

Contos de fadas: edição comentada e ilustrada; Maria Tatar. Ed. Zahar,

2013.

Celebra e redefine o cânone dos Grimm.

The Brothers Grimm: From Enchanted Forests to the Modern World; Jack Zipes. Palgrave Macmil an, 2002.

Uma revelação da ideia romântica e popular dos irmãos como viajantes fabulistas.

Clever Maids: The Secret History of the Grimm Fairy Tales; Valerie Paradiz. Basic Books, 2009.

A verdadeira história das narradoras esquecidas das amadas fábulas dos Grimm.

Contos de Grimm para todas as idades; Philip Pul man. Alfaguara, 2014.

Nova versão britânica do aclamado autor da trilogia Fronteiras do Universo.

http://www.surlalunefairytales.com

Um arquivo de fábulas comentadas e com contextualização histórica.



Sobre o autor e o ilustrador

NEIL GAIMAN foi citado no *Dicionário de biografia literária* como um dos dez maiores escritores pós-modernos vivos, tem mais de vinte livros publicados para leitores de todas as idades e já foi agraciado com inúmeros prêmios literários, incluindo o Hugo, o Branstoker e a Newbery Medal. Começou a carreira como jornalista, mas logo o talento para construir tramas e universos únicos foi levado para o mundo dos quadrinhos, com a aclamada série *Sandman*, e depois para a ficção adulta e infantojuvenil. Algumas de suas obras foram adaptadas para o cinema e para a TV. O autor nasceu em Hampshire, Inglaterra, e hoje vive nos Estados Unidos. Pela Intrínseca já publicou também *O oceano no*

fim do caminho, Faça boa arte, A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras e *Os Filhos de Anansi*.

LORENZO MATTOTTI é artista gráfico e quadrinista italiano. Contribui frequentemente para as capas da *New Yorker*, ganhou o Eisner Award por sua graphic novel *Dr. Jekyll & Mr. Hyde* e trabalhou com Lou Reed na adaptação de *O Corvo* de Edgar Allan Poe.



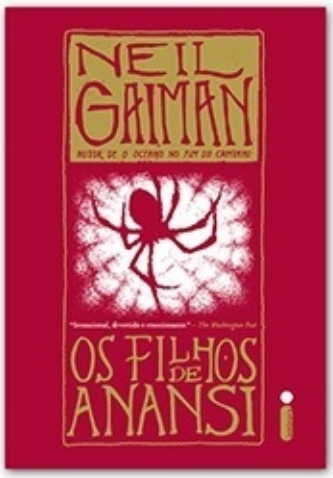


Conheça outros títulos do autor

O oceano no fim do caminho

Faça boa arte





A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras

Os filhos de Anansi



Leia também

O Rei de Amarelo

Document Outline

- Como ler este e-book
- Folha de rosto
- Créditos
- Mídias sociais
- João e Maria
- Um conto de fadas e suas transformações
- Sobre o autor e o ilustrador
- Conheça outros títulos do autor
- Leia também